

IV

A CASA TRANSITÓRIA

Depois de viagem normal, através dos caminhos comuns, alcançamos nevoenta região, onde asfixiante tristeza parecia imperar incessantemente. De outras vezes, eu já atravessara sítios semelhantes, gastando apenas alguns minutos. Agora, porém, era compelido a longa marcha em sentido horizontal. Atendendo a imperativos da missão, o Assistente Jerônimo procurava certa localidade, sob a denominação expressiva de "Casa Transitória de Fabiano".

Tratava-se de grande instituição piedosa, no campo de sofrimentos mais duros em que se reúnem almas recém-desencarnadas, nas cercanias da Crosta Terrestre, a qual, segundo nos informou o chefe da expedição, fora fundada por Fabiano de Cristo, devotado servo da caridade entre antigos religiosos do Rio de Janeiro, desencarnado há muitos anos. Organizada por ele, era confiada, periodicamente, a outros benfeitores de elevada condição, em tarefa de assistência evangélica, junto aos Espíritos recém-desligados do plano carnal.

— Na Casa Transitória — prosseguia Jerônimo, explicando-nos — prestaremos o auxílio que nos seja possível à organização e asilaremos, em seguida, os irmãos que nos cabe socorrer. Não fossem esses pousos de amor, tornar-se-ia muito difícil nosso trabalho. Raramente encontramos companheiros carnis em condições de atravessarem se-

melhante zona, imediatamente após a morte física. Quase todos permanecem estonteados, nos primeiros dias. Se entregues à própria sorte, seriam fatalmente agredidos pelas entidades perversas ou hábilmente desviados por elas do bom caminho de restauração gradual das energias interiores. Daí a necessidade desses abrigos fraternais, em que almas heróicas e dedicadas ao sumo bem consagram-se a santificadas tarefas de amparo e vigiância.

Após breve pausa, concluiu:

— Além disso, teremos aí todo o equipamento necessário aos trabalhos que nos cumpre realizar.

Curioso, guardei silêncio e esperei.

Não se passou muito tempo, defrontava-nos casarão enorme em plena sombra. Nada que evidenciasse preocupação artística e bom gosto na construção. Nem árvores, nem jardins em torno. A edificação baixa e simples mal se destacava no nevoeiro denso.

Certo, percebendo-me a estranheza, Jerônimo esclareceu:

— O nome do instituto, André, fala por si mesmo. Temos, à frente, acolhedora casa de transição, destinada a socorros urgentes. Embora seu assombro natural, é asilo móvel, que atende segundo as circunstâncias do ambiente. Sofre permanente cerco de Espíritos desesperados e sofredores, condenados pela própria consciência à revolta e à dor. Suas defesas magnéticas exigem considerável número de servidores e os amigos da piedade e da renúncia, que aí atendem, passam dia e noite ao lado do sofrimento. Todavia, o trabalho desta Casa é dos mais dignos e edificantes. Neste edifício de benemerência cristã, centralizam-se numerosas expedições de irmãos leais ao bem, que se dirigem à Crosta Planetária ou às esferas escuras, onde se debatem na dor seres angustiados e ignorantes, em trânsito prolongado nos abismos tenebrosos. Além disso, a Casa Transitória de Fa-

biano, à maneira de outras instituições salvadoras, nestas regiões, que representam verdadeiros templos de socorro, é também precioso ponto de ligação com as nossas cidades espirituais em zonas superiores.

Nesse instante, antes que Jerônimo pudesse prosseguir nos esclarecimentos, atingimos as barreiras magnéticas, à distância de alguns metros do portão de acesso ao interior.

Atendidos por trabalhadores vigilantes, que sem hesitação nos ofereceram passagem, acionamos pequeno aparelho que nos ligou, de pronto, ao porteiro prestativo.

Não decorreram muitos minutos e achamo-nos diante de figura respeitável. Não supunha que a instituição estivesse administrada por mãos sensíveis de mulher. A Irmã Zenóbia, aparentando idade madura e aureolada de cabelos negros, proporcionava-nos informações vivas de sua energia e admirável capacidade de trabalho, através dos olhos transbordantes de luz.

Saudou-nos, afável, sem dispendar muitas palavras, passando imediatamente ao assunto que a nossa presença sugeria:

— Fui avisada ontem — disse, bondosa — que a missão chegaria hoje e rejubilamos com isso.

— Ao seu dispor — explicou-se Jerônimo, com gentileza. — Este abrigo de amor e paz cooperará conosco, asilando-nos alguns tutelados convalescentes, e, por nossa vez, desejamos ser úteis à casa, de algum modo.

Zenóbia envolveu-nos num sorriso de simpatia acolhedora e, após rápidos minutos de silêncio, considerou:

— Aceitamos o concurso. Reconheço a presença dum grupo harmonioso e, desde a semana finda, aguardava ensejo, não só para beneficiar a coletividade sofredora de abismo próximo, senão também a fim de socorrer certo irmão nosso, muito infeliz. Trata-se de pessoa que me foi parti-

cularmente querida e que apenas agora foi encontrada em remota região de seres decaídos. Vencendo obstáculos, trouxe-mo-la para a vizinhança da Casa, porém, o perigoso estado em que se encontra não nos autoriza a fornecer-lhe abrigo e, sim, proteção indireta. Já estabelecemos medidas em favor da remoção desse infortunado amigo para a zona da Crosta, onde será brevemente internado em reencarnação expiatória, com auxílio divino. Entretanto, precisarei pessoalmente da colaboração fraternal dos companheiros, em benefício do transviado...

— Sem dúvida — atalhou Jerônimo, desvanecido — teremos prazer.

Designando a devotada enfermeira que nos acompanhava, acrescentou:

Em nossa companhia, permanece a Irmã Luciana, que nos pode ser extremamente útil nesse caso particular, em virtude das suas adiantadas faculdades de clarividência.

A diretora da Casa Transitória fixou o olhar sereno em nossa colaboradora, sorriu, amável, e prosseguiu:

— Bem lembrado. Alguns irmãos, qual ocorre a esse a que me refiro, descem a tamanho embrutecimento moral que somente conseguem ouvir-nos a voz, de modo imperfeito, e, não lhes sendo possível identificar-nos pela visão, em face dos impedimentos vibratórios criados por eles mesmos, duvidam de nossa amizade e de nossos propósitos elevados de cooperação. No fato presente, o concurso de Luciana ser-me-á precioso.

Não podia disfarçar o meu constrangimento ante aquele pormenor da conversação. Por que motivo a Irmã Zenóbia, orientando instituição como aquela, necessitaria de nossa colaboração, mormente no capítulo da clarividência mencionada? Porventura, não poderia também esquadriñar os problemas de almas sofredoras e decaídas?

Incapaz de sopitar a interrogação, observei, admirado:

— Oh! quer dizer que os benfeitores daqui não podem ver quanto desejam?

Foi o Assistente Jerônimo quem veio ao meu encontro.

— Antes de tudo, André — falou, compassivo — faz-se necessário considerar que a Irmã Zenóbia, não obstante a sua extensa visão espiritual, terá razões íntimas para invocar a providência. Quanto ao mais, não devemos esquecer os imperativos da especialização.

A resposta tivera efeito de ducha gelada. Arrependera-me de haver formulado a interrogação indiscreta. Completando, porém, o ensinamento, Jerônimo continuou:

— Senão, vejamos. O padre Hipólito consagra-se, atualmente, à interpretação das leis divinas, no serviço educativo àqueles que as desconhecem, enquanto a Irmã Zenóbia atende a sofredores, em massa, nesta casa de amor cristão. Claro que poderiam exercitar a clarividência, com benefícios generalizados para o próximo; todavia, com prejuízo manifesto dos deveres imediatos. Isso não ocorre com Luciana que, pelo contacto individual e intenso com os enfermos, durante muitos anos consecutivos, especializou-se em penetrar-lhes o mundo mental, trazendo à tona suas ideias, ações passadas e projetos íntimos, em atividade beneficente. Se entrássemos nós outros, de improviso, em relação com a sua clientela, veríamos "alguma coisa", embora, não tanto e tão bem quanto pode ser observado por ela, em vista de suas dilatadas experiências. A seu turno, Luciana poderia, de imediato, interpretar os ensinamentos divinos e orientar esta casa, "de algum modo", mas não tanto e tão bem quanto o padre Hipólito e a irmã Zenóbia, considerando-lhes os vastos conhecimentos nesse sentido. Todas as aquisições espirituais exigem perseverança no estudo, na observação e no serviço aplicado. E devemos considerar que isso não infirma a necessidade de aprender sempre. O músico exímio

poderá ser aprendiz incipiente da Química, destacando-se, mais tarde, nesse campo científico, como se verifica na arte dos sons. Não alcançará, todavia, a realização, sem gastar tempo, esforço e boa vontade. Aliás, o próprio Mestre assegurou que o homem encontrará aquilo que procura.

Sorrindo de minha interrogação, que provocara ensinamentos tão rudimentares, concluiu:

— A busca de dons espirituais para a vida eterna não representa serviço igual à cata de objetos perdidos na Crosta.

Interveio a Irmã Zenóbia, acrescentando fraternalmente:

— Sim, não podemos edificar todas as qualidades nobres de uma só vez. Cada trabalhador fiel ao dever possui valor específico, incontestável. A Obra Divina é infinita.

Tornando ao primitivo rumo da conversação, prosseguiu:

— Quando dispomos de clarividentes nos serviços de socorro ao abismo, em circunstâncias favoráveis, conseguimos resultados de preciosa eficiência. Os servidores dessa natureza, porém, são poucos, em vista da multiplicidade das tarefas e raros se dispõem a servir nas paisagens escuras da angústia infernal.

Luciana, chamada nominalmente à palestra, esclareceu que teria satisfação em cooperar e contou-nos que buscara desenvolver as faculdades de que era portadora, a fim de socorrer, noutro tempo, o Espírito de seu pai, desencarnado numa guerra civil. Tivera ele preponderância no movimento de insurreição pública e permanecia nas esferas inferiores, alucinado pelas paixões políticas. Depois de paciente auxílio, reajustara emoções, obtendo possibilidades de reencarnar em grande cidade brasileira, para onde ela mesma, Luciana, seguiria também logo pudesse o genitor do pretérito organizar novo lar, restabelecendo-se a aliança de carinho e de amor, segundo o projeto por ambos estabelecido.

Zenóbia ouvia com atenção.

Percebendo talvez que a palestra tendia para o campo do personalismo direto, em minutos para os quais provavelmente a diretora da casa teria outros compromissos, Jerônimo interferiu na conversação e dirigiu-se a ela, atencioso:

— Estamos satisfeitos, Irmã, pela perspectiva de algum concurso amigo, ao seu lado. Compreendemos a grandeza de sua missão nobilitante e, se vamos depender tanto de seu generoso amparo, nesta casa, constitui-nos obrigação cooperar com a Irmã nos trabalhos em que nossa humilde colaboração possa ser útil. Seguiremos, amanhã, para a zona carnal. Entretanto, logo que nos seja possível trazer para sua companhia o primeiro irmão libertado, André e eu permaneceremos em trânsito, entre a Crosta e este abençoado asilo, enquanto Hipólito e Luciana se demorarão aqui, velando pelos convalescentes e colaborando, junto da Irmã, nas tarefas imediatas.

— Alegra-me, sobremaneira, a expectativa! — falou a diretora, evidentemente satisfeita.

Nesse instante, invisível campainha ressoou, estridente, com estranha entonação.

Não decorreram cinco segundos e alguém penetrou a sala, rumorosamente. Era determinado servo da vigilância, que anunciou, precipite:

— Irmã Zenóbia, aproximam-se entidades cruéis. A agulha de aviso indicou a direção norte. Devem estar a três quilômetros, aproximadamente.

A orientadora empalideceu ligeiramente, mas não traiu a emoção com qualquer gesto que denunciasse fraqueza.

— Acendam as luzes exteriores! — ordenou — todas as luzes! E liguem as forças da defesa elétrica, reforçando a zona de repulsão para o norte. Os invasores desviar-se-ão.

Retirou-se apressadamente o emissário, enquanto pesado silêncio abatia-se sobre nós. Luciana fizera-se lívida. Jerônimo e Zenóbia demonstravam,

através do olhar, asfixiante preocupação. Registrar-se-iam fatos que eu ignorava? Será que Espíritos reconhecidamente maus também organizavam expedições semelhantes às que realizávamos para o bem? Que espécie de entidades seriam aquelas, para infundirem tamanha preocupação nos dirigentes esclarecidos e virtuosos de nossos trabalhos e tão grande terror nos subordinados daquela casa de amor cristão? Impressionara-me a expressão facial de dor e incerteza do servidor que trouxera a notícia. Seriam tantos os malfetores das sombras para justificar semelhante pavor? Sentia o raciocínio extremamente reduzido para comportar a imensidade das interrogações que me afloravam à mente.

Através de minúscula abertura, notei que enormes holofotes se acendiam de súbito, no exterior, como as luzes de grande navio assaltado por nevoeiro denso em zona perigosa.

Ruídos característicos faziam-se sentir à nossa audição, informando-nos que aparelhos elétricos haviam sido postos em movimento.

— E' lamentável — exclamou Zenóbia, com a manifesta intenção de restaurar-nos a tranquilidade — que tantas inteligências humanas, desviadas do bem e votadas ao crime, se consagrem aqui ao prosseguimento de atividades ruinsas e destruidoras.

Nenhum de nós se atreveu a dizer qualquer novidade.

A diretora, porém, esforçando-se por sorrir, continuou:

— A tragédia bíblica da queda dos anjos luminosos, em abismos de trevas, repete-se todos os dias, sem que o percebamos em sentido direto. Quantos gênios da Filosofia e da Ciência dedicados à opressão e à tirania! quantas almas de profundo valor intelectual se precipitam no despenhadeiro de forças cegas e fatais! Lançados ao precipício pelo desvio voluntário, esses infelizes raramente se penitenciam e tentam recuo benéfico... Na maioria

das vezes, dentro da terrível insatisfação do egoísmo e da vaidade, insurgem-se contra o próprio Criador, aviltando-se na guerra prolongada às suas divinas obras. Agrupam-se em sombrias e devastadoras legiões, operando movimentos perturbadores que desafiam a mais astuta imaginação humana e confirmam as velhas descrições mitológicas do inferno.

Observando-me, possivelmente, a angústia íntima, em face de suas considerações, Irmã Zenóbia acrescentou:

— Chegará, porém, o dia da transformação dos gênios perversos, desencarnados, em Espíritos lucificados pelo bem divino. Todo mal, ainda que perdure milênios, é transitório. Achamo-nos apenas em luta pela vitória imortal de Deus, contra a inferioridade do "eu" em nossas vidas. Toda expressão de ignorância é fictícia. Somente a sabedoria é eterna.

Por minha vez, gostaria de formular várias indagações, porém, a expectativa fizera-se mais pesada.

— Alguns séculos — prosseguiu a diretora — constituem escasso tempo para reeducar inteligências pervertidas no crime, através das reencarnações terrestres. E' por isso que os trabalhos retificadores continuam vivos, além da morte do corpo físico, obrigando os servos da verdade e do bem a suportar os irmãos menos felizes, até que se arrependam e se convertam...

Indefiníveis ruídos alcançaram-nos o ouvido, e Zenóbia, pálida, calou-se igualmente. Em poucos segundos, tornaram-se mais nítidos. Eram gritos aterradores, como se à curta distância devêssemos afrontar hordas de enraivecidos animais ferozes.

Entre nós, Luciana parecia a mais atemorizada.

Torcia nervosamente as mãos, até que, não lhe sendo possível suportar por mais tempo a inquietação, dirigiu-se à diretora da casa, suplicando:

— Irmã, não será conveniente endereçarmos

fervorosa rogativa a Deus? conheço os monstros. Tentaram, muita vez, arrebatá-lo meu pai do sítio a que se recolhera!...

Zenóbia sorriu com benevolência e respondeu:

— Já fiz meus atos devocionais de hoje, preparando-me para as ações eventuais do trabalho no decurso do dia. Aliás, minha amiga, nossa ansiosa expectativa, em si mesma, vale por súplica ardente. Decidamos, pois, qualquer problema a sobrevir, com resolução e confiança em Nosso Pai e em nós próprios.

A esse tempo, tornara-se enorme o vozerio. Pus-me, assombrado, a identificar rugidos estridentes de leões e panteras, casados a uivos de cães, silvos de serpentes e guinchos de macacos.

Em dado momento, ouvimos explosões ensurdecadoras. Quase no mesmo instante, certo auxiliar penetrou o recinto e comunicou:

— Atacam-nos com petardos magnéticos.

A diretora resoluta ouviu, serena, e determinou:

— Emitam raios de choque fulminante, assediando baterias.

As farpas elétricas deviam ser atiradas em silêncio, porque as explosões diminuíram até à extinção total, percebendo-se que a onda invasora se desviara noutro rumo, pelo ruído a perder-se distante.

Respiramos aliviados.

Estampou-se confortadora expressão na fisionomia de Zenóbia, que falou, satisfeita:

— Agora, peçamos ao Mestre conceda aos infelizes o caminho preciso, de acordo com as suas necessidades.

Escoaram alguns minutos, nos quais elevamos pensamentos de gratidão e júbilo ao Cristo Salvador.

Tornando à palavra livre, considere:

— Que impressionantes rugidos ouvimos! não se figuravam lamentos de corações sofredores, mas algazarra de feras soltas. Terrível novidade!...

— Esses bandos, porém — observou a diretora, sensatamente — são antigos. Entre as narrações evangélicas, ao tempo da passagem de Nosso Senhor pelas estradas humanas, lemos o noticiário alusivo às legiões dos gênios diabólicos.

Enquanto concordávamos, em silêncio, prosseguiu, compungida:

— Enraizam-se os pobrezinhos tão intensamente nas ideias e propósitos do mal e criam tantas máscaras animalescas para si mesmos, em virtude da revolta e da desesperação a lhes consumirem a alma, que adquirem, de fato, a semelhança de horrendos monstros, entre a humanidade e a irracionalidade.

Antes que pudesse continuar nas observações tristes, penetrou um assessor no salão e dirigiu-se à orientadora do instituto:

— Irmã Zenóbia, ambos os desequilibrados que deram entrada, ante-ontem, romperam as celas e tentam fugir.

A interpelada atalhou a notificação, expedindo ordem:

— Prendam-n'os, imediatamente, com a colaboração dos vigilantes. Temos responsabilidade. A expedição que no-los confiou regressará amanhã, nas primeiras horas.

Encontrava-se o cooperador junto à porta de saída, quando outro auxiliar apareceu, atento.

— Irmã — disse, respeitoso — as notas da Crosta chegaram agora. O chefe da missão Figueira, em atividade desde a semana finda, pede sejam preparadas acomodações para três recém-desencarnados, depois de amanhã.

— Tomarei providências — informou a diretora sem se alterar.

Iamos reiniciar a palestra, mas aproximou-se uma jovem servil, fazendo também sua participação:

— Irmã Zenóbia, a turma de vigilância, que descansou há três dias, voltou a postos.

— Mande-a retomar os lugares — recomendou a interpelada — e que os irmãos exaustos repousem convenientemente.

Afastou-se a ativa emissária e, quando eu pretendia, por minha vez, comentar a movimentação de trabalho da casa, outro colaborador assomou à porta e avisou:

— Irmã, a expedição Fabrino pede auxílio da Crosta para os serviços das reencarnações expiatórias de que se encontra encarregada. A mensagem assinala serviço urgente para esta noite próxima. Que devo responder?

A orientadora refletiu um pouco e ordenou:

— Transmita o comunicado aos irmãos Gotuzo e Hermes. Estarão talvez disponíveis. Mais tarde, expediremos resposta.

Pretendíamos retomar a instrutiva conversação, mas, em se fazendo novo silêncio, outro ajudante, de fisionomia visivelmente alterada, surgiu à porta para informar:

— Irmã Zenóbia, a Nota do Dia, vinda do Plano Superior, manda comunicar-lhe que os desintegradores etéricos passarão por aqui amanhã.

— Oh! o fogo?!... — replicou a diretora, patenteando agora inexprimível emoção. — Bem o suspeitei — ponderou, acrescentando: — o nosso ambiente está conturbado. A passagem dos monstros é sinal de que a limpeza será urgente.

E, fixando os olhos penetrantes no colaborador, prosseguiu:

— Solicitemos a cooperação das congêneres mais próximas. Precisamos apelar para o Oratório de Anatilde e para a Fundação Cristo. Tente a ligação. Irei, eu mesma, fazer o pedido.

Afastando-se o assessor, Zenóbia voltou-se para nós, cheia de bondade:

— Segundo observam, meus amigos, desta vez devo levantar-me e agir. Quando o fogo etérico vem queimar os resíduos da região, somos obrigados a transportar-nos com a instituição, a ca-

minho de outra zona. Necessito movimentar providências, relativas à nova localização e rogar o socorro de outras casas especializadas.

Dirigindo-se, particularmente, a Jerônimo, acentuou:

— Meu irmão, já que o inesperado me surpreende, estimaria visitar o abismo, ainda hoje, em companhia dos amigos. Além do serviço à coletividade sofredora, conforme notifiquei a princípio, interesse-me por irmão nosso, em doloroso estado de cegueira espiritual, a favor de quem estou autorizada a fazer serviços intercessórios.

— De perfeito acordo — respondeu nosso chefe, atenciosamente.

Depois de levar a efeito alguns sinais de chamada, a diretora da Casa Transitória de Fabiano confiou-nos ao cuidado de Heráclio, abnegado co-operador da instituição, e se afastou.

Fomos, então, convidados pelo novo amigo a visitar o interior e, em breve, apresentava-nos extensos dormitórios e estreitos cubículos, em que se localizavam doentes e necessitados de vários matizes. Atravessámos, igualmente, compridas salas de estudo e complicados laboratórios, notando-se que ali todo o espaço era rigorosamente aproveitado.

Em certo ponto da conversação em curso, o delicado companheiro que nos acolhia, percebendo a curiosidade com que examinávamos a parte interna do edifício, erguido à base de substância singularmente leve, esclareceu:

— É tipo de construção para movimento aéreo. Muda-se, sem maiores dificuldades, de uma região para outra, atendendo às circunstâncias.

E, sorrindo:

— Por isso, é denominada "Casa Transitória".

Em breves minutos, o Assistente Jerônimo era chamado nominalmente pela irmã Zenóbia, para entendimento particular.

Hipólito e Luciana solicitaram ingresso na Sala

Consagrada, onde, conforme explicações de Heráclio, administradores, auxiliares e asilados daquele pousos de amor se reuniam habitualmente para os serviços divinos da prece e, interessado, por minha vez, nos trabalhos médicos do instituto, indaguei quanto à possibilidade de encontrar algum colega que me fornecesse novos elementos educativos à experiência no Além.

Expondo ao prestativo assessor meus desejos, respondeu-me sem hesitar:

— Já sei o que pretende. No momento, temos em casa o Irmão Gotuzo, cujas informações talvez lhe satisfaçam a curiosidade.